



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2075 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 12 - Currículo

"Memórias" de lutas tecidas no chão das escolas: criação de currículos praticadospensados e formação de professorxs
Joana Ribeiro dos Santos - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

"Memórias" de lutas tecidas no chão das escolas: criação de currículos *praticadospensados* e formação de *professorxs*

Escrito a partir de conversas com profissionais das redes municipal e estadual de Educação do Rio de Janeiro, este texto busca discutir as greves docentes dos anos de 2013 e 2014 enquanto "redes educativas" que potencializam a formação de *professorxs* e a criação de novas práticas cotidianas e *conhecimentossignificações* no *dentrofora* das escolas. As "memórias" dos docentes, trazidas a partir de suas narrativas, são entendidas, não como recortes do "real", mas como criação de algo novo. Estas narrativas docentes sobre o *vividoaprendido* nos movimentos grevistas das redes municipal e estadual de Educação do Rio de Janeiro nos últimos anos levam-nos a percorrer alguns dos fios da "tessitura" destes mesmos movimentos e o que foram capazes de mover em seus *praticantespensantes* e nos currículos *praticadospensados* nas escolas nas quais lecionam. Por fim, este texto busca defender que os cotidianos no *dentrofora* das escolas estão em constante movimento e disputa e são produtores de múltiplos *conhecimentossignificações*, embora nem sempre valorizados pelos *espaçostempos* hegemônicos.

Palavras-chave: Redes Educativas. Greve de *Professorxs*. Currículos *Praticadospensados*.

"Memórias" de lutas tecidas no chão das escolas: criação de currículos *praticadospensados* e formação de *professorxs*

Resumo

Escrito a partir de conversas com profissionais das redes municipal e estadual de Educação do Rio de Janeiro, este texto busca discutir as greves docentes dos anos de 2013 e 2014 enquanto "redes educativas" que potencializam a formação de *professorxs* e a criação de novas práticas cotidianas e *conhecimentossignificações* no *dentrofora* das escolas. As "memórias" dos docentes, trazidas a partir de suas narrativas, são entendidas, não como recortes do "real", mas como criação de algo novo. Estas narrativas docentes sobre o *vividoaprendido* nos movimentos grevistas das redes municipal e estadual de Educação do Rio de Janeiro nos últimos anos levam-nos a percorrer alguns dos fios da "tessitura" destes mesmos movimentos e o que foram capazes de mover em seus *praticantespensantes* e nos currículos *praticadospensados* nas escolas nas quais lecionam. Por fim, este texto busca mostrar que os cotidianos no *dentrofora* das escolas estão em constante movimento e disputa e são produtores de múltiplos *conhecimentossignificações*, embora nem sempre valorizados pelos *espaçostempos* hegemônicos.

Palavras-chave: Redes Educativas. Greve de *Professorxs*. Currículos *Praticadospensados*.

Este texto foi tecido como um emaranhado de "memórias" (CERTEAU, 2012), pois foi escrito a partir de muitas conversas e da "tessitura" de *conhecimentossignificações* [\[1\]](#) em encontros com *professorxs* [\[2\]](#) que vivenciaram os movimentos grevistas nos anos de 2013 e 2014 na cidade e no estado do Rio de Janeiro.

As greves docentes ocorridas no ano de 2013 no Rio de Janeiro não foram unificadas, tendo início em assembleias no dia 08 de agosto e terminando nos dias 24 de outubro (no caso da rede estadual) e 25 de outubro (no caso da rede municipal), durando quase três meses. Uma surpresa nos movimentos docentes deste ano foi a grande adesão dos profissionais da educação do município do Rio de Janeiro, mobilizando cerca de 90% de uma rede que estava há dezenove anos sem realizar greves.

A pauta de reivindicações da rede estadual no ano de 2013 já vinha sendo discutida em outros momentos: reajuste salarial de 19%, redução da carga horária dos funcionários administrativos para 30 horas, eleição para direção das unidades escolares, que nenhuma disciplina tivesse menos de dois tempos de aula semanais, a garantia de que cada professor cumpriria em uma única escola sua carga horária etc. Já a pauta da rede municipal constava de: implementação de 1/3 da carga horária docente para planejamento (o que já era garantido por lei), enquadramento das merendeiras como cozinheiras, ampliação do número de escolas, autonomia pedagógica e fim das políticas marcadas pela meritocracia, permanência da oferta de Espanhol e Francês como Línguas Estrangeiras na grade curricular, climatização das salas de aula, diminuição do número de alunos por turma, revisão da prática do professor polivalente, equiparação salarial entre os chamados PI (*professorxs* das disciplinas específicas) e PII (professoras do Ensino Fundamental I) e, mais tarde, anulação da sessão na Câmara dos Vereadores que aprovou o Plano de Cargos e Salário dos Professores e Funcionários da Educação do Rio de Janeiro, uma vez que este não contemplava mais de 90% da categoria.

No ano de 2014, a greve dos docentes das redes municipal e estadual foi unificada, tendo início no dia 12 de maio (a partir da votação na assembleia de 07 de maio) e término em 27 de junho, já no decorrer da Copa do Mundo de Futebol, realizada no Brasil. Na pauta: a exigência do cumprimento dos acordos firmados no Supremo Tribunal Federal ao final das greves de 2013, como: a implementação de 1/3 da carga horária para planejamento, a autonomia pedagógica, o fim da meritocracia, reajuste salarial, eleição para a direção das escolas estaduais (o que só foi conquistado pelo movimento dos estudantes no ano de 2016) e o plano de carreira unificado para os servidores do município.

É necessário destacar que entendemos os movimentos sociais, a exemplo das greves, como “redes educativas^[iii] que nos formam e estão no *dentrofora* das escolas e instituições de ensino. Este entendimento vem da defesa dos *espaçostempos* cotidianos como de criação de *conhecimentossignificações*, nos quais os *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012), ao fazerem “usos”^[iv] (CERTEAU, 2012) do que é produzido pelos *espaçostempos* de poder, criam algo novo e inesperado. Desta forma, as greves docentes serão aqui pensadas enquanto “redes educativas” que contribuem para a “tessitura” de outras práticas curriculares nos cotidianos escolares e são potentes para a formação de *professorxs*.

Narrativas dos movimentos grevistas e as criações da “memória”

Como também nos ensina Certeau (2012), a “rede de antidisciplina”, ou seja, as criações cotidianas em resposta ao que produzem os muitos *espaçostempos* de poder, só pode ser percebida pelos rastros que deixa. Estas “práticas” não-discursivas, pois eliminadas do discurso científico, só podem ser estudadas com as pistas que nos chegam, a exemplo dos relatos ou narrativas dos *praticantespensantes* acerca daquilo que produzem cotidianamente.

Por este motivo, neste texto “usaremos” (CERTEAU, 2012) as narrativas de docentes sobre as greves de 2013 e 2014 no Rio de Janeiro. Elas são nossos “personagens conceituais” (DELEUZE; GUATTARI, 2010), pois não são apenas fontes de informação, mas permanecem ao longo de toda a pesquisa, mobilizando o pensamento, provocando questões, movimentando a “memória”, como a entende Certeau (2012). Uma vez que os relatos e narrativas são considerados criação, produção de um “saber-dizer”, precisamos compreendê-los não como “verdades instituídas”, mas como virtualidades, como possibilidades de ser, como o desejo de que se realizem, como algo próximo ao que se acredita ter concretizado em certo momento.

A criação tecida nas narrativas e relatos é produzida na/pela “memória” e o que ela movimenta. A “memória” não resgata o vivido, mas produz a ficção acerca deste. Ela recria o vivido de acordo com aquilo que estamos vivendo no momento presente e com todas as múltiplas relações que tecemos nas/com as tantas “redes educativas” em que estamos. Esta é a mágica da “memória”.

Tecem as próximas páginas deste texto trechos de conversas com algumas e alguns *professorxs* das redes estadual e municipal do Rio de Janeiro e que participaram ao menos de um dos movimentos grevistas. São eles: Juliana (**Ju**), Brunno (**B**), Bruno N. (**BN**), Alexandre (**A**) e Flávia (**F**)^[v]. Os trechos das narrativas aparecem na forma de um grande diálogo, embora nem todas as conversas tenham sido coletivas. São apresentados desta forma pois, no momento de sua transcrição, elementos de uma conversa pareciam solicitar e resgatar aspectos das outras.

Os movimentos grevistas enquanto *espaçostempos* de formação de *professorxs* e potentes para a criação dos currículos *praticadospensados*

Uma vez que defendemos que os movimentos sociais ao longo da História são “redes educativas”, é preciso também reconhecer que a vivência destes movimentos cria muitos *conhecimentossignificações* que também nos tecem e

mobilizam nossas práticas cotidianas. Assim, desejo apresentar os movimentos sociais, em especial as greves dos profissionais da educação das redes municipal e estadual, nos anos de 2013 e 2014, como *espaçostempos* de formação docente e potentes para a criação de outras práticas curriculares nas escolas.

Em nossas conversas, *xs professorxs* falaram sobre o que puderam aprender nas vivências das greves e como isto operou no que se tece nos variados *dentrofora* das escolas nas quais trabalham.

Ju: Para além dos ganhos materiais e corporativos que a gente teve, e eu reconheço isso como ganhos da greve, acho que houve formação. Talvez não tenha havido uma conscientização de algumas pessoas, mas serviu para gerar uma abertura maior para discutir certos assuntos e uma abertura maior para perceber que (...), se a gente não gritar, vai piorar mesmo. (...) Antes, como eu te falei, eu fazia paralisação sozinha e, todas as vezes que eu tentava trazer esse tipo de discussão, eu era totalmente ridicularizada, desautorizada das mais variadas formas possíveis. Acho que houve esse ganho. E acho que muita gente está mobilizada mesmo, não está querendo aceitar um monte de coisas, quer reclamar. Aprendeu que pode falar! Que “ok” você reclamar.

BN: (...) E aí, a partir de 2013, eu passei a ter um papel mais ativo aqui, que eu não tinha. (...) Então, você começa a participar e, mesmo que você não seja um diretor, as pessoas já olham para você como se você fosse, fizesse parte do sindicato, mesmo você sendo só base, como é o meu caso. E eu acho que a partir daí eu comecei também a me envolver mais com as coisas da escola. No conselho de classe eu passei a falar mais, a discutir coisas que eu não discutia, fazer... (...) E a gente se fechou mais, teve toda a problemática com a diretora que fez com que a gente se unisse, os problemas com a polícia... Eu acho que, a partir de 2013, na rede pública municipal fechou-se um grupo que hoje é, para mim, a coluna vertebral da escola, de tocar as paradas... pedagógicas mesmo, não necessariamente sindicais. (Cita alguns nomes.) Que vai tocar os projetos da escola e os eventos também. E os outros, que não são, necessariamente, de participar das coisas sindicais, mas que estão próximos de nós e que participam dos projetos.

Ju: (...) Eu me fortaleci muito aqui dentro, me senti mais confiante para trazer esses temas. Me senti, vou usar a palavra da moda, me senti mais empoderada para discutir a pauta econômica e corporativa, a pauta de gênero, de relações étnico-raciais, de diversidade sexual. Eu senti que é isso mesmo, o espaço é aqui e está em disputa, existe mobilização e vamos levar isso para frente! Antes, não é que eu não achasse importante, mas eu ficava muito desanimada. É difícil quando você tenta fazer as coisas e é deslegitimada. Esses movimentos serviram para me fortalecer para fazer as paralisações, mas também para as disputas internas.

F: (...) depois de 2013 eu acho que muda tudo, porque eu acho que eu passo a ser, eu entendi o que é o meu aluno... Não que isso tenha... Não que haja completude nisso. Mas eu entendi para quem eu falo. Eu estou compreendendo qual é o problema, eu compreendo melhor, não como libertadora, eu não vou ser libertadora de nada, mas eu compreendo qual é o meu papel dentro da sala de aula. E antes eu não sabia. (...) Eu acho que eu passei a compreender por meio de todas essas movimentações... Isso me fez ler outras coisas, querer discutir o meu papel, o meu trabalho, o que eu vou levar para a sala de aula. (...) E essa seleção foi dessa minha compreensão do que sou nesse mundo e qual o meu papel dentro dessa sociedade que é tão complexa e que, mais especificamente, dentro dessa escola, que fica no subúrbio, dentro de uma comunidade, o que eu tenho que fazer. Eu acho que, à medida em que o tempo passa, isso me gerou mais formação do que a minha formação de professores, que falava de algumas coisas de maneira tão distante, ou discutia formas de fazer que estão tão descoladas do que eu vi aqui. Eu acho que isso fez com que eu até buscasse esses textos, que são de educação e que discutem coisas que tem a ver com minha realidade, mas que, na minha formação de professores, eu não tive essa oportunidade.

A: (...) Eu, conversando com pessoas, conhecendo pessoas novas também ali e tal e, principalmente nessa conversa, eu comecei a acreditar que eu precisava estudar mais. Principalmente sobre política. Eu sempre estudei. Nunca parei de ler, nunca parei de estudar. Mas, eu sempre lia, sempre estudava dentro da minha área, coisas voltadas para o ensino, para a Língua Portuguesa: a prática de leitura, a prática de escrita, a prática de análise sintática, de análise da língua e tal. E, conversando com os professores ali no movimento, eu, muita coisa eu não sabia. Então, com aquela galera, com o movimento, eu passei a perceber que eu precisava, também, estudar, ler sobre outros assuntos. Então, eu também gostaria de deixar isso registrado.

B: Mas, sabe o que eu vejo nisso? E talvez eu esteja influenciado pelo que a gente estava falando. A greve gerou uma oportunidade de a gente entrar em contato com a gente mesmo. Não eu comigo mesmo, mas os professores conversarem conversas que não são viáveis dentro de uma sala de professores, ou no corredor. E aí você começa a se informar, começa a entrar em contato com pessoas com quem você não tinha aquele contato mais próximo. Isso vai gerando questionamentos, vai gerando novos conhecimentos que a gente, no dia-a-dia, não consegue. A gente é atropelado pela quantidade de coisas que a gente tem que fazer. (...) E isso foi uma pausa nos trabalhos para possibilitar esses estudos, ainda que não formais naquele momento, mas que gerou esse correr atrás.

A greve, ou essa “pausa nos trabalhos”, como Brunno (**B**) disse, não gera passividade, mas provoca uma “sacudida” nos

cotidianos das cidades, nas mídias hegemônicas e alternativas, nas vidas dos seus *praticantespensantes* etc. Ou seja, essa pausa é criativa, é um *espaçotempo* produtor de inúmeros *fazeressaberes*.

Desta forma, os movimentos grevistas são uma entre tantas “redes educativas” que, emaranhando-se com as já existentes, criam *conhecimentossignificações* que nos permitem enfrentar as lutas cotidianas no *dentrofora* das escolas. Criar novas rotas na cidade, tecer maneiras de proteger-se da violência policial, produzir material para divulgação nas manifestações e nas mídias alternativas, a ocupação dos *espaçotempos* públicos e dos *espaçotempos* virtuais, o *aprenderensinar* das maneiras de fazer as assembleias e seus códigos, buscar compreender as questões judiciais, possibilitar que o corpo aprenda a enfrentar novas experiências, deixar operar em si novos blocos de sensações, compartilhar ideias sobre as escolas e as realidades vivenciadas, acrescentar novos temas às pautas discutidas nas escolas etc. são “práticas” de antidisdisciplina, são caças não-autorizadas, são operações de tipo “tática” que, como nos ensina Certeau (2012), são os novos “usos” dados à produção do mais forte, “usos” que escapam às tentativas de controle dos grupos de poder e produzem mudanças, ainda que microscópicas.

As greves dos profissionais da educação no Rio de Janeiro mais recentes foram agenciadas, entre outros, por movimentos grevistas anteriores e as “memórias” criadas destas mesmas experiências, pelas idas às ruas nas chamadas “Jornadas de junho” de 2013, pelas vivências cotidianas nas muitas escolas das redes, pela pressão exercida pelos governos e a perda de autonomia pedagógica, pela crise econômica e queda no poder de compra de grande parte da população etc. Mas, em especial, estes movimentos grevistas foram também tecidos pelo/no encontro com o outro, com os estudantes, suas famílias e com outros docentes. Tudo isso gera um acúmulo que não é perceptível ao desatento, até que explode em um movimento que ganha as ruas.

E o que ocorre quando *professorxs* e estudantes retornam às escolas? Ao término dos movimentos grevistas, os profissionais da educação, assim como toda a comunidade escolar, já não são os mesmos (ainda que esta transformação não seja consciente ou percebida por *todxs*) e aquilo que teceram irá agenciar os currículos *praticadospensados* nas escolas. Muitos foram os exemplos que *xs professorxs* nos deram: novos temas passaram a ser discutidos, houve uma ocupação maior dos *espaçotempos* escolares por alguns *professorxs*, temáticas passaram a estar em destaque, as relações se modificaram, *professorxs* de escolas localizadas no mesmo bairro se aproximaram e criaram novos projetos etc. Por este motivo, os movimentos sociais e, neste caso, os movimentos grevistas são *espaçotempos* de formação docente e agenciam novas práticas nos cotidianos das escolas, pois os *conhecimentossignificações* tecidos nessas experiências povoam os currículos *praticadospensados*.

No entanto, em um tempo em que os profissionais da educação e os *espaçotempos* de educação formal estão sendo duramente atacados pelos governos, pela mídia hegemônica e por parte da sociedade, seja pelo discurso em torno do mau preparo dos docentes, da necessidade de uma Base Nacional Comum Curricular, que não respeita a diversidade e a autonomia docente, pela política de “apostilamento”^[vii] que invade as escolas públicas, desviando dinheiro para as empresas privadas, ou seja, ainda, pelo discurso contrário que coloca os profissionais da educação como doutrinadores dos estudantes, há de se ter muito cuidado.

O que defendemos neste texto é que os movimentos sociais são *espaçotempos* de formação como são diversos outros, como a família, a igreja, o terreiro, o partido político, os meios de comunicação, as empresas, os bairros, os governos etc. O que defendemos é que existe um *dentrofora* das escolas que está em constante disputa. O que defendemos é que, ainda que se invista muito no controle, na censura do que se discute nas escolas e na retirada de autonomia docente, as escolas são povoadas por *praticantespensantes* que criam, coletivamente e cotidianamente, múltiplos *conhecimentossignificações*. Essa criação, assim como as greves docentes (e tantos outros movimentos sociais), é imprevisível, incontrollável e potente para a educação pública que queremos tecer em nosso país.

Referências

ALVES, Nilda. Formação de docentes e currículos para além da resistência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, ANPEd, v. 2, n. 71. p. 01-18. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782017227147>>. Acesso em: 23 de outubro de 2017.

ALVES, Nilda; ALMEIDA, Nilton Alves de. O pensamento curricular e os movimentos sociais. *Revista Teias*. Rio de Janeiro: ProPEd/UERJ, v. 16, n. 43, p. 170-181, out/dez 2015.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. 19. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010 (3ª edição).

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensadospraticados’ pelos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (orgs.) *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. 1. ed. Petrópolis: DP et Alli, 2012. p. 47-70.

[i] Ao longo do texto, diversos termos serão escritos unidos e em itálico com o objetivo de destacar que são indissociáveis e não hierarquizáveis.

[ii] Uma vez que a grande maioria daqueles que se dedicam ao magistério é formada por mulheres e com a intenção de denunciar algumas questões de gênero inerentes ao exercício da docência, falaremos em *professorxs* ao longo do texto.

[iii] Todos nós somos formados por múltiplas “redes educativas” enquanto também as formamos. Elas estão no *dentrofora* das escolas e podem ser: redes familiares, o bairro, as religiosidades, as redes de educação formal, as redes sociais via internet etc.

[iv] Para Certeau (2012) os praticantes, ao usarem aquilo que é produzido nos lugares de poder, criam algo novo. Desta forma, ao “usarmos” um filme, uma narrativa ou uma fotografia em nossas pesquisas ou nos *espaçotempos* escolares, estamos criando novos *conhecimentossignificações*.

[v] Estes nomes correspondem às formas como os docentes escolheram ser identificados.

[vi] São materiais didáticos/curriculares bastante frágeis que são produzidos por fundações privadas e comprados pelos governos de estados e municípios para serem usados em salas de aulas e que reduzem ou limitam em alguns aspectos a autonomia de magistério do docente.